

EDITORIAL

O 7 de Setembro dêste ano assumiu um relêvo especial pela vibração patriótica que a marcialidade das paradas militares desperta e, principalmente, pelo sentido de unidade nacional que as comemorações encerram.

Seu significado é tanto mais eloquente e animador quanto se considera o transe dramático que vive o mundo de nossos dias. É falsa a pecha de cético com que pretendem os interesseiros macular nosso povo. Esse povo generoso e hospitaleiro, caldeamento de várias etnias, que soube realizar com sabedoria invulgar os mais belos ideais da fraternidade humana, revelar o seu temperamento indômito nas lutas pela sua liberdade e independência, executar as conquistas mais audazes da inteligência, não poderia faltar com o seu trabalho e patriotismo na obra da reconstrução.

E' e será sempre o mesmo, digno e varonil.

A despeito da confusão dos tormentosos tempos que passam, dos desenganos, insinceridades e receios do futuro ameaçador, a alma nacional desperta coesa e ativa para a luta ingente da restauração moral e material da Pátria comprometida. E não podia deixar de ser assim.

Não esmorece na arena; ao revés, agiganta-se em energia e nobreza quanto mais temerário é o quadro da luta, porque tem consciência de suas possibilidades, e ama sua Terra sobre tôdas as coisas.

*

* * *

Que importa a incompreensão dos homens na fascinação do instinto e do interesse material, se

êles, na coletividade, são um nada e podem chegar à razão, pela resistência coesa dos patriotas esclarecidos que são a maioria consciente da Nação?

A "história se repete" e cada vez mais implacável na sanção dos erros cometidos.

O lamentável, porém, é que os homens, dispondo de cérebro, inteligência, alma e coração, transformados em um complexo de emoções e sensibilidades sutis, não raro, na contemplação dos fenômenos correntes da vida, esquecem o essencial, desprezando a experiência, alheia e as circunstâncias particulares em que os factos se reproduzem. As comemorações cívicas têm êste mérito — exaltar, nos acontecimentos históricos, "o vigor dos actos e a tèmpera rígida de seus bravos", para em meio às palpitações do presente, apontar às gerações futuras o norte das virtudes no seu caminhar constante.

País novo ainda, mas dotado de um manancial precioso de riquezas naturais em estado de potencial, tem como fundamento de sua civilização um povo magnífico, com as características mais favoráveis a uma regeneração integral, no sentido de elevá-lo ao mais alto estágio da civilização.

Parece um paradoxo vivermos pobres em meio da opulência, improdutivos e quase famintos por falta de educação e de organização, absorvidos com os "casos", esquecendo os problemas fundamentais da economia, por falta de uma planificação adequada. Entretanto, somos o país do futuro como salientou o eminente sociólogo Lynn Smith, sincero amigo do Brasil que assevera em suas apreciações realísticas sôbre o nosso país que "o que mais precisam os brasileiros é de instrução e que se apure ainda mais a técnica médica e sanitária, para que possam fazer ampla utilização da tecnologia moderna, evitando o empirismo e a inconsciência com que destróem os recursos naturais, e apelando para um sistema mais equitativo de distribuição do processo produtivo entre o capital, o comércio e o trabalho.

O braço do homem, na luta contra a natureza, precisa ser reforçado com equipamentos de força e de proteção ao trabalho, notadamente nas regiões menos populosas, sem o que a população do Brasil atingirá, algum dia, o montante da Índia, sem a esperança de melhores resultados.

Se a destruição das florestas fôr acompanhada, paralelamente, pela de outros recursos naturais, a maior parte da potencialidade do Brasil pode ser dissipada, antes que haja possibilidade de utilizá-la em benefício da humanidade.

Aos milhões de brasileiros que constróem, pela força do trabalho, a grandeza da nação, deve ser repartida maior porção, da produção nacional, preferentemente sob a forma de educação, sanidade, assistência médica e outros serviços que valorizem o homem, para que o Brasil não continue sendo o país de futuro".

* * *

Outro amigo leal e prestigioso, honrou-nos recentemente com sua visita e recebeu a consagração da simpatia e estima de nosso povo pelo que de mais espontâneo e sincero ela encerra.

É que o gênio de Eisenhower, o general da Vitória, o general das Democracias, foi o chefe supremo dos Exércitos vitoriosos na Europa, sob cuja direção lutou a nossa gloriosa F. E. B.

Homem simples, sincero e positivo, credenciado pela experiência profissional e a glória de ter sabido vencer com maestria a maior campanha militar da História, sabe sobrepôr-se aos devaneios do elogio banal para enfrentar, com a mesma firmeza e clarividência, os percalços da hora presente, focalizando o futuro.

Por isso, não regateou sua palavra fecunda trazendo-nos a advertência esclarecida contra os perigos de um otimismo exagerado na solução militar dos problemas dêste após guerra.

"A Defesa Nacional" ao homenageá-lo, decidiu transcrever na íntegra a reprodução de sua palestra

magistral proferida na nossa E. E. M., sem comentários que poderiam desfigurar a essência de seus sábios conceitos. E, mais do que isto, pede aos nossos chefes e camaradas que meditem demoradamente na sabedoria dos princípios básicos da organização que tão francamente nos soube transmitir para um aperfeiçoamento real de nosso sistema de segurança.

Não obstante ser grande o acervo de trabalhos de cooperação de nossos amigos americanos, em prol do nosso preparo e aperfeiçoamento, destacamos, especialmente, o dêses dois mestres, pela insuspeição de seus conceitos porque são os lídimos embaixadores da "boa vizinhança" idealizada pelo inolvidável gênio de Roosevelt.

*

*

*

Temos consciência do que somos e podemos ser. Amantes da liberdade e conscientes das responsabilidades da hora presente, procuramos conhecer nossas deficiências e defeitos com o mesmo espírito de independência de nossos maiores, para que possamos corrigi-los tanto mais aceleradamente quanto mais pronto nos disponhamos a enfrentá-los.

Não basta a decisão de agir: é preciso disciplina e cooperação, cada qual definindo explicitamente sua tarefa no conjunto.

Se assim fôr, não teremos receio do êxito porque êle beneficiará o Brasil que precisa de todos nós.

No dia em que se glorificou o martírio de Tiradentes, o proto-mártir da Independência — no calendário o dia da Pátria — façamos um exame de consciência e encaremos com fé o nosso amor pelo Brasil que, ontem, como hoje e amanhã, terá sempre que se orgulhar de seus filhos na salvaguarda de seu prestígio, soberania e felicidade eterna.

Só assim seremos o que devemos ser.

Alcemos, pois, bem alto a bandeira da independência, sem preocupações de indivíduos, mas só vendo o Brasil.

"Que nos sigam os que forem brasileiros"!